



MULHERES EM MOVIMENTO:

imagens femininas na *Revista Educação Physica*

Silvana Vilodre Goellner

RESUMO – *Mulheres em movimento: imagens femininas na Revista Educação Physica.* Este texto trata de diferentes imagens do corpo da mulher. Mais particularmente, das práticas corporais e esportivas e a da visibilidade do corpo feminino no início deste século. Discute algumas modificações políticas, econômicas e culturais da sociedade brasileira da atualidade, cujas conseqüências, ao mesmo tempo que possibilitam a exibição do corpo feminino, promovem também estratégias para seu ocultamento. Refere-se a três temas específicos: beleza, maternidade e feminilidade. A pesquisa a que se refere este texto busca mostrar imagens da mulher presentes no primeiro periódico específico da Educação Física – a *Revista Educação Physica* – publicada entre 1932 e 1945. **Palavras-chave:** *corpo, mulher, educação física.*

ABSTRACT– *Women on movement: female images in the Physical Education Review.* This paper addresses different images of the woman's body. More specifically, it refers to the corporal and sportive practices, as well as to the visibility of the feminine body in the 30s and 40s of this century. It discloses some political, economical and cultural modifications in the Brazilian society at that period, which had the consequence of permissibility of the exhibition the feminine body, while, at the same time, promoted strategies for its concealment. The paper refers to three specific topics: beauty, motherhood and femininity. This research aims at showing the images of women that were portrayed in the first magazine about Physical Education – *Revista Educação Physica* – published between 1932-1945. **Key-words:** *body, woman, physical education.*

Esse texto¹ diz sobre imagens da mulher. Imagens produzidas no passado que, ao serem lembradas, dizem do tempo presente, porque nele interpretadas, e dizem do futuro, porque já gravadas no nosso imaginário e na sensibilidade e inteligibilidade pelas quais as olhamos/entendemos e imaginamos o vir a ser.

Trata-se de imagens ao mesmo tempo genéricas, que expressam uma forma estética de exibir e de olhar o corpo feminino, e específicas, porque escolhidas em uma única fonte de pesquisa: a *Revista Educação Física*. Imagens coletivas e individuais, porque representativas de determinados valores sociais do tempo em que foram elaboradas e porque marcadas pelo olhar e pela história particular de quem as registrou/elaborou e de quem as viu/vê/ ou leu/lê.

Se esse texto diz sobre imagens da mulher, diz também sobre o primeiro periódico específico da Educação Física publicado no Brasil. Diz da Educação Física e de um período historicamente situado: 1932, quando da sua primeira edição e outubro de 1945, quando da última.

Entendendo as imagens não apenas como algo que pode ser apreendido pela acuidade visual mas como representação de sensações, ideologias, valores, preconceitos e mensagens, procuro apresentá-las utilizando-me de uma forma narrativa que procura arrancá-las de um esquecimento/desconhecimento que é meu, que é da Educação Física e que é do meu tempo. Costuro interpretações através dos vestígios e testemunhos que escolhi para pesquisar, e da minha imaginação, originada de um desejo que parte de um sentimento particular que é único e também diverso porque está inserido nas escolhas e nas pesquisas que a minha área de estudo vem produzindo no que diz respeito à interpretação e explicação de sua própria construção histórica.

Escrevo, portanto, a partir de imagens e textos escolhidos e narrados por um modo de investigar que, ao buscá-los no momento da sua produção, se propõe a apresentá-los dentro do que hoje podemos conhecer da *Revista* em que foram registrados e da mediação que me é possível estabelecer entre o passado e o presente.

Produzida num tempo de significativas mudanças econômicas, sociais e culturais na e da sociedade brasileira, a *Revista Educação Física* expressa e registra, nas suas páginas, diferentes perspectivas de educar o corpo de mulheres e de homens, cuja energia física é observada como potencializadora de um gesto eficiente capaz de produzir mais e com maior rapidez.

O temor à degenerescência da raça e o robustecimento da força produtiva necessária ao desenvolvimento da economia nacional evocam um maior controle sobre o corpo, objetivando resguardar e canalizar suas energias. Seja pela ótica do trabalho, seja pela do lazer, o trabalho corporal é reconhecido como essencial ao desenvolvimento da nação, porque é capaz de mobilizar, simultaneamente, duas energias: a do corpo individual e a do corpo social.

Movimentar o corpo indolente e preguiçoso, mais do que uma vontade individual, é também uma intervenção política de controle e de cerceamento,

pois sobre ele depositam-se saberes e poderes disciplinares orientados pela lógica do trabalho e da produção. Razão pela qual, as práticas corporais e esportivas são amplamente incentivadas pois, como possibilidade de divertimento e disciplinação, tornam-se representativas de uma sociedade que, para se coroar, prescinde tanto da liberação como da canalização produtiva de um gesto educado.

No Brasil, é a partir dos anos 30 que o Estado instituído se empenha em concretizar várias ações no campo específico das práticas corporais e esportivas, identificando a Educação Física e o esporte como espaços de intervenção na educação dos cidadãos, no sentido da valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada.²

A euforia da e para com a Educação Física exige e provoca a produção e a circulação de informações, tanto no que diz respeito à divulgação das conquistas e dos méritos esportivos de grupos e indivíduos como ao aprofundamento de conhecimentos científicos e pedagógicos sobre as diferentes possibilidades de movimentação do corpo. Uma vez criada a representação da necessidade de um cuidado corporal para a aquisição e preservação da saúde, da beleza e da força produtiva, fazem-se necessárias atitudes e situações voltadas para a consolidação dessa afirmação.

Respondendo às inquietações e às exigências de professores/as, treinadores/as, atletas e simpatizantes das práticas corporais e esportivas, em maio de 1932, surge o primeiro periódico específico da área da Educação Física: a *Revista Técnica de Atletismo e Sports* que, a partir de seu terceiro número passa a chamar-se, simplesmente, *Revista Educação Physica*³. Há que referenciar, ainda, que o campo esportivo encontra-se, nesse período, em plena expansão, engendrando uma série de intervenções de indivíduos e categorias profissionais no que respeita a sua estruturação.

As práticas esportivas, presentes na sociedade brasileira desde o século XIX, vão incorporar nas primeiras décadas deste século o discurso do olimpismo, modificando seu acontecer: criam-se e ampliam-se as federações e confederações, institucionalizam-se os campeonatos, classificam-se os atletas por categorias, redefinem-se as modalidades esportivas. Ou seja, consolida-se o campo esportivo que, simultaneamente, produz e é produzido por novos discursos, produtos e representações⁴.

Criada no Rio de Janeiro por um grupo de professores civis de Educação Física, liderados por Oswaldo Rezende e Paulo Lotufo⁵ e financiada por uma editora particular, a Cia. do Brasil, a *Revista Educação Physica* conta com o apoio de alguns nomes importantes da Educação Física da época, como por exemplo, Américo Netto, professor da Escola de Educação Física do Governo do Estado de São Paulo; Henry Sims, Diretor da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro; Fred Brow, técnico da Confederação Brasileira de Desportos; Georges Summers, membro da Associação Cristã de Moços da América do Sul; Coelho Neto, escritor, entre outros.

Nos seus primeiros números, além dos textos escritos por esses autores, os editores recorrem a outros articulistas e à tradução de artigos estrangeiros para viabilizar material a ser publicado e, assim, garantir não só a regularidade e continuidade da publicação, mas também assegurar ao periódico um perfil científico, transformando-o em uma fonte de consulta para profissionais da área e leigos interessados na Educação Física e nos esportes⁶.

Identificada como uma das primeiras publicações a atender um público diverso cujo interesse comum demarca uma especificidade – a Educação Física e os esportes –, este periódico teve uma ampla circulação, fato que pode ser evidenciado quando se observa o número de correspondentes, redatores nacionais e internacionais e representantes, descritos na ficha técnica de vários de seus números. Encontram-se registros de representantes da *Revista* em vários Estados do território nacional, diferentes países da América do Sul e alguns países europeus.⁷

Vários de seus editais evidenciam o público para o qual a revista está destinada. Vejamos parte de um deles:

*Aos professores e técnicos porque é uma biblioteca condensada e de todos os assuntos relativos à sua profissão, através da qual poderão manter em dia os seus conhecimentos e aumentar o acervo de sua cultura especializada. Aos diretores de colégios porque contém instruções oficiais comentadas e especificadas para o ensino da Educação Física nos estabelecimentos de ensino, facilitando-lhes assim uma direção racional e completa. Aos inspetores de ensino porque os põe a par dos programas de ensino e dos meios que facilitam à fiscalização que lhes incumbe em todos os sentidos. Aos médicos especializados em Educação Física porque publica as mais modernas teorias, observações e experiências sobre a medicina em geral aplicada à Educação Física e aos desportos. Aos alunos de todos os cursos de Educação Física porque contém instruções, estudos e observações sobre todas as matérias adotadas nos cursos da Escola de Educação Física e desportos. Aos pais de família porque cogita, de forma particularizada, da educação integral dos seus filhos. A todos enfim que se interessam pela sua própria saúde, pela conservação de suas qualidades físicas desenvolvidas e pelo aperfeiçoamento das qualidades morais.*⁸

Se a *Revista Educação Physica* foi importante no momento de sua circulação, ainda o é na atualidade, porque permite conhecer a produção de diferentes mulheres e homens, cujas contribuições marcaram o fazer da Educação Física, pelo que explicitaram e/ou deixaram de explicitar. Permite, também, passear por um tempo que é passado e é presente pois, apesar de distante na cronologia, carrega em si proximidades com representações, conceitos e preconceitos, formulações teóricas, construções estéticas, políticas e ideológicas desse tempo que é hoje e que é nosso.

A *Revista Educação Physica*, embora não trate especificamente da Educação Física feminina, reproduz, cria e recria diferentes imagens do corpo da mu-

lher; imagens descritas em palavras, imagens desenhadas e fotografadas que representam corpos reais e idealizados e que são assumidas ou não pelas leitoras: imagens que registram corpos estáticos ou em movimento, sobre os quais circulam diferentes tensões – curiosidade e desconsideração, liberdade e vigilância, transgressão e adequação, exibição e ocultamento, sensualidade e ascetismo.

Ainda que seja impossível falar no singular – “corpo da mulher” – porque as mulheres são diversas entre si, portadoras de variados interesses, necessidades, vontades, desejos, sentimentos e formas de ver o mundo e a si mesmas e porque de diferentes raças, classes, religiões, idades e grupos sociais, no que se refere às imagens do feminino, a *Revista Educação Physica* pouco movimento confere à tensão entre o singular e o plural.

Ao desenhar identidades visuais e comportamentais, toma como referência a mulher adulta jovem, branca, saudável, heterossexual e de classe média, para as quais as atividades físicas e esportivas, além de estarem relacionadas com a construção de um estado satisfatório de saúde, representam exercícios de sociabilidade que as afirmam em espaços tidos como de domínio masculino: a rua, o clube, a hípica, os estádios e ginásios, a piscina, as praças e parques, enfim, espaços urbanos que acolhem a prática da exercitação física.

Há, nas suas páginas, tanto o incentivo como a repressão à mulher no que diz respeito a sua vida individual e social. Mesclam-se diferentes conselhos, prescrições e recomendações, ora impulsionando-a a transgredir determinados códigos sociais e sexuais tomados como naturais, ora cerceando possíveis ousadias.

Discursos progressistas e moralistas recheiam com entusiasmo e emoção as suas páginas, seduzindo e desafiando mulheres tanto para a exibição como para o ocultamento de seus corpos, forjando e criticando novas formas de cuidar de si, reforçando e amenizando a exibição pública do seu corpo como pertencente ao universo pagão das impurezas e obscenidades.

A *Revista Educação Physica* exhibe diferentes recomendações para as mulheres. Se, por um lado, critica a indolência, a falta de exercícios físicos, o excesso de roupas, o confinamento no lar, por outro, cerceia possíveis atrevimentos. Afirma um discurso voltado para a produção da “nova mulher”: moderna, ágil, companheira, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos. No entanto, a representação construída desta “nova mulher” traz poucas possibilidades de construção de um efetivo projeto de emancipação feminina, na medida em que suas “conquistas” devem estar ajustadas aos seus deveres. Dito de outra forma, precisa ousar sem com isso, esquecer de preservar suas virtudes, suas características gráceis e feminis nem abandonar o cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, lhe foram designados: o cuidado com o lar e a educação dos filhos.

Teme-se, sobretudo, a dissolução da família, considerada como responsável pela manutenção da ordem social e pela educação da infância, potencial a ser desenvolvido para o enriquecimento da nação. Assim, sob a tutela da eugenia,

entendida neste período como uma ciência e como um movimento social, reforça-se a idéia do casamento e da reprodução como indispensáveis à preservação da higiene social e da ordem pública.

A ginástica, os esportes, a dança, o contato com a natureza, os banho de mar, os passeios ciclísticos, as caminhadas, à exposição do corpo ao sol, os cinemas, o *footing*, os saraus, os desfiles de moda, os concursos de beleza, as viagens, a patinação, o corso, conduzir o automóvel e a motocicleta, ao lado de outras práticas de lazer e divertimento, desenham o elenco das novas necessidades sociais, ao mesmo tempo que potencializam a visibilidade das mulheres no espaço urbano. São práticas incentivadas pela *Revista* e ao mesmo tempo colocadas em suspeição, visto que poderiam, se mal realizadas, romper com determinadas regras sociais e sexuais tomadas como naturais. E, por esse motivo, ameaçar a família nuclear urbana.

Ainda que a prática esportiva feminina não seja novidade neste tempo⁹, as mulheres não se eximem de ampliar e diversificar sua participação em competições, apesar de constituírem um número bem menor se comparada aos homens. Turfe, remo, natação, saltos ornamentais, esgrima, tênis, atletismo, arco e flecha, voleibol, basquetebol, ginástica e ciclismo são algumas das modalidades que, inicialmente, registram o maior número de atletas mulheres.

Atentos aos acontecimentos esportivos de sua época, os editores da *Revista Educação Physica*, se empenham em incentivar a prática esportiva feminina recorrendo a diferentes estilos discursivos e fontes iconográficas para fazer valer suas intenções. Divulgam idéias, produtos e serviços necessários à vida que se agita e que, num átimo, conferem às mulheres e às cidades um tom mais moderno e sensual.

Coragem, ousadia, liberdade de movimentos e ações, esperteza, sagacidade, sensualidade são atributos que compõem a imagem que a *Revista Educação Physica* identifica como própria da “nova mulher”. Trata-se de atributos originados do discurso e do desejo masculino porque, geralmente, são os homens que escrevem e ilustram suas páginas. São eles que atribuem mais ou menos voz à fala das mulheres, através de recomendações que delimitam, por exemplo, qualidades que definem sua feminilidade, cuidados com sua saúde reprodutiva, padrões estéticos, vestuário esportivo, conselhos morais, entre outros. São eles, também, que mostram o corpo feminino. Tais atributos também decidem o ângulo, o enquadramento, as qualidades técnicas da fotografia, bem como sua disposição no interior da *Revista*. Enfim, é esse conjunto de atributos que define o que – do corpo feminino – deve ser realçado ou escondido.

Apesar da predominância da escrita dos homens, também há, na *Revista*, a presença do discurso das mulheres, o qual é constituído não tanto por palavras mas por gestos fotografados, por imagens e silêncios.

Diferentes mulheres exibem seus corpos, posam para fotografias, simulam posturas que são perpetuadas em imagens afirmativas, que transmitem men-

sagem estéticas e ideológicas e que são gravadas na memória para que sejam entendidas. No espaço onde se mostram, as mulheres são sujeitos do discurso das imagens e de uma estética que busca generalizar traços e percepções a partir de um olhar que expõe o corpo como objeto de desejo, ao mesmo tempo que reprime o desejo aí despertado.

Esse discurso se faz sem contrapor-se ao masculino. Silencioso, reforça representações dominantes de beleza, saúde e feminilidade através da exposição de uma sensualidade cujos limites adquirem os contornos ditados pelo programa visual da *Revista*. Ou seja, dentro do que seus editores desejam publicar e dentro do que, neste tempo, era proibido e permitido divulgar, consoante não apenas preceitos éticos e morais mas também conhecimentos técnicos existentes de produção e reprodução de imagens.

As fotos de mulheres que a *Revista Educação Physica* exhibe são frases silenciosas. Dizem o que seus editores pretendem dizer, embora saibamos que as imagens adquirem significados não apenas pelo que exibem. Mas pelo que em nós reverbera no momento em que somos chamados à observá-las. Pelo que já é por nós conhecido e pelo que, do universo imagético, já está incorporado em nós. Afinal, as imagens não são apenas observadas por nossos olhos. Elas invadem nossos sentidos e deixam marcas no nosso corpo.

Por isso são atuais as imagens da *Revista Educação Physica*, ainda que publicadas há mais de meio século. Fazem parte da formação de nossa sensibilidade e inteligibilidade porque gravadas em nossa memória individual e social. Rememorar-las, trazê-las do passado é, portanto, compreender o presente. Ver-se nele e através dele. Interagir, dialogar, conhecer e intervir.

Na *Revista*, as imagens que retratam mulheres exibindo corpos belos, saudáveis e bem dispostos, ao se juntarem às palavras, adquirem um tom de ordem: “Faça ginástica”, “Aprenda a usar seus músculos corretamente”, “Verifique se sua beleza é moderna”, “Fortaleça seu busto”, “Ame a Pátria”... Ou seja: não coloque em dúvida o fato de fazer ou não ginástica, de usar ou não corretamente os músculos ou de amar ou não a Pátria. Simplesmente faça, use, ame.

Explicada através do seu corpo, a mulher ilustra e dá significado ao corpo da *Revista Educação Physica*, arregimentando sobre si textos e imagens que sugerem, direta ou indiretamente, aquilo que convencionalmente se designou como imperativo¹⁰ de seu sexo: seja bela, seja mãe e seja feminina.

Seja bela

Não é pequena a aproximação que a *Revista Educação Física* faz entre a prática de atividades físicas e a beleza feminina. Em várias das suas páginas, discursos e imagens exibem aos olhos do leitor e da leitora regras, cânones e ideais de perfeição corporal.

Entendendo a beleza não como um atributo natural das mulheres mas fruto de uma conquista que se viabiliza mediante um esforço individual e para o qual é necessário um trabalho árduo e constante que requer disciplina e dedicação, a *Revista* incentiva as mulheres a modificar seus hábitos e atitudes recomendando-lhes, por exemplo, banhos de mar, exposição ao sol, uso de vestimenta adequada, alimentação balanceada, cuidados com a pele e, principalmente, prática de atividades físicas. Para ser bela, há que fazer exercício físico, pois beleza exige movimento. Exige um corpo em movimento.

A proporcionalidade das formas físicas e a harmonia entre elas aparecem como requisitos constitutivos dos padrões e critérios de beleza pelos quais são julgados os corpos. Razão pela qual, é nas formas anatômicas que se depositam as recomendações e os conselhos para o embelezamento da mulher, cuja perfeição é ou não atingida consoante sua simetria e proporcionalidade. Segmentado, é na harmonia dos seus detalhes que o corpo, como unidade, adquire valor dentro de um padrão estético artisticamente construído.

Duas são as estéticas que, em diferentes momentos, inspiram a *Revista Educação Physica* a delinear padrões corporais: primeiro, a estética clássica simbolizada pela perfeição corporal atribuída às estátuas gregas; depois a estética dos modernos meios de produção e reprodução de imagens e informações, sobretudo, a fotografia e o cinema.

Se em alguns momentos as imagens e textos que circulam na *Revista Educação Physica* explicam/exibem uma representação de beleza que tem como sua expressão máxima a harmonia e a proporção das formas corporais, tentando reproduzir o que uma vez se considerou corpo verdadeiro de deuses e deusas, de heróis olímpicos ou de pessoas perfeitas, há, noutros, a modernização deste conceito de belo, trazido para outro tempo/lugar: para a moderna sociedade capitalista, onde são outras as regras culturais que regem as representações de beleza e onde são outras, também, as formas de produção e reprodução de imagens.

A fotografia, o cinema e a televisão, por exemplo, criam e traduzem percepções estéticas que olham e exibem o corpo feminino a partir de outra aparência e sensualidade, convertendo a imagem da mulher bela e sedutora em um ícone da sociedade de consumo, para a qual, além do corpo perfeito, para ser bela, é necessário ter qualidades capazes de seduzir e chamar para si o olhar do outro. Ser bela é ser, também, atraente e sensual.

O apelo que a *Revista Educação Physica* faz à capacidade que a mulher bonita tem de exercer atração e fascínio no sexo oposto não só a incentiva a cuidar de si, porque provoca uma identificação com um modo de ser civilizado e moderno, mas também a controla porque é ao julgamento do outro que deve agradar/responder. Imagem e texto afirmam, por exemplo, que para ser belo o corpo da mulher deve ser forte, ágil, harmonioso e atlético. No entanto, não pode deixar de ser gracioso, delicado e fértil, pois é na feminilidade que reside o maior encanto da mulher e, também, o que a diferencia do homem.

Ao mitificar a beleza feminina, atribui à mulher a condição de ser desejada mediante sua capacidade de se fazer desejar, e ao homem, a condição de ser, acima de tudo, desejante. Nesse aspecto, a beleza passa a ser observada como um critério de seleção através da qual as mulheres disputam, por exemplo, o mercado de casamentos. Afinal, estamos falando dos anos 30 e 40, onde casar era quase um destino e a construção da família nuclear quase uma obrigação¹¹.

A construção de imagens da beleza da mulher tensiona, simultaneamente, duas atitudes que se fazem existir em constante movimento: oferecimento e negação. Ou seja, ao mesmo tempo que são expandidas perspectivas de exibir a beleza feminina, ou melhor, a beleza do corpo feminino oferecendo-o para satisfazer instintos sexuais de uns (umas) e outros (outras), são também criadas estratégias de negação desses mesmos instintos, através de discursos e atitudes que enfatizam o puritanismo, a moralização e o decoro. Tensionamento esse marcado pelo saber e pelo fazer masculino, pois até uma data muito recente a imagem, tal como o texto, salvo raras exceções, foram produzidas pelos homens, enquanto as mulheres não representavam a si próprias.

Incorporadas ou não pelas mulheres, as representações de beleza e feminilidade de cada época advêm de um olhar e de um discurso masculinos, não porque desenhadas e faladas por homens, mas porque interiorizadas por um inconsciente que fantasia a diferença, para torná-la suportável. Assim se, por um lado, a *Revista Educação Physica* expressa e estimula vontades (masculinas e femininas) que liberam o corpo da mulher e espetacularizam a sua exibição, por outro, censura esses desejos. Duplamente: pela censura oficial que regulamenta suas ações, consoante os valores e as regras morais e sociais existentes, e pela censura que emerge do inconsciente de cada pessoa, cujos desejos desnudam/ocultam esse corpo que se oferece e é oferecido ao olhar.

Seja mãe

Identificada como uma função social, a maternidade, é, simultaneamente, um destino, porque observada como um acontecimento natural, e um desafio, porque prescinde de preparação física e refinamento emocional. Tanto quanto ter um corpo fortalecido, é necessário, para a mãe em potencial, ter um caráter virtuoso, moldado pela valorização de qualidades como a benevolência, a generosidade, o recato e a abnegação. Virtudes advindas de uma moral burguesa que, ao serem idealizadas como verdadeiras, trazem à lembrança de cada mulher pensamentos, modos de ser e de se movimentar que gravam no seu corpo gestualidades adequadas ao que se espera configurar uma vida em sociedade.

Produto e produtora de representações ligadas às práticas higienistas, eugênicas e cívicas, a *Revista* produz e reproduz imagens da mulher que é ou será mãe, elaboradas a partir de duas representações que se revezam: a mulher-mãe e a mãe-cívica.

Ainda que não se caracterizem como distantes uma da outra, apesar de maquiladas com sutis diferenças, estas representações compõem o mesmo conjunto de intenções, para o qual as mulheres são observadas como referências fundamentais ao engrandecimento do país, dadas as atribuições que lhes são designadas e que lhes cabe enfrentar com maior ou menor ousadia.

Se a representação da mulher-mãe está voltada para o fortalecimento da raça no que diz respeito à saúde, ao vigor físico e à eficiência dos indivíduos frente aos obstáculos reservados pela vida, inclusive, àqueles inerentes ao mundo do trabalho produtivo, a representação da mãe-cívica incorpora e defende o discurso oficial da preservação da soberania e da honra nacional. Se a primeira reconhece a importância das atividades corporais e esportivas para favorecer o aperfeiçoamento da reprodução humana, a segunda vê na Educação Física uma possibilidade imediata de preparar os jovens para a guerra, de mantê-los dispostos para a luta e de exibirem a força de seu patriotismo.

Mergulhada em um universo de euforia cívica e de progresso social, a *Revista Educação Física* identifica, aceita e defende para si a tarefa de fazer ver, de divulgar e de orientar, pedagógica e cientificamente, a Educação Física e os esportes, sem os quais não compreende ser possível o robustecimento da população.

Motivados por essa idéia, seus editores publicam vários textos que sugerem vigilâncias e cuidados para com a saúde pessoal e a higiene social, como por exemplo, o controle da procriação, a preocupação com a formação moral das crianças e jovens, a preservação da família e do lar, o caráter moralizador e disciplinador do esporte, a exaltação ao Estado constituído, a construção de um sentimento de nacionalidade e, evidentemente, em se tratando de regeneração da raça, a glorificação da imagem da mãe. Afinal, preparar, garantir e conduzir a maternidade com êxito traduzem vontades pessoais e políticas que reclamam precauções e orientações específicas, voltadas para o resguardo e a vigilância do corpo feminino.

Para que a mulher possa cumprir esta missão individual e social, é essencial que cultive determinadas normas e condutas que evitem esbanjamentos e violências. É indispensável, também, que ela aprenda determinadas formas de ser, de se comportar, de se expressar e de se movimentar, com a intenção de salvar aquele que é seu maior atributo: carregar no próprio corpo a esperança de uma outra vida.

São criticados na revista todos os excessos do corpo, identificados, por exemplo, no uso de artifícios utilizados em nome do embelezamento (maquilagens, produtos químicos, roupas apertadas que oprimem os movimentos e a altura dos saltos dos sapatos), na alimentação exagerada, na prática demasiada de exercícios físicos e na participação equivocada em determinados esportes. Da mesma forma, criticam-se o desleixo, a falta de cuidados de si, a indolência, a preguiça e a inapetência para as práticas corporais e esportivas.

Ao corpo feminino, que se quer forte e saudável porque útil à sociedade, são atribuídas diversas privações que objetivam proteger as características da feminilidade e preservar a fertilidade da mulher.

Quando exalta a função reprodutiva da mulher, a *Revista Educação Physica* elabora e reproduz um discurso que fragmenta explicações sobre a construção do humano porque, ao separar a natureza da cultura, produz um olhar hierarquizado sobre as diferenças entre os sexos, inferiorizando a mulher perante o homem. O adjetivo “reprodutiva”, que na mulher aparece colado ao substantivo “saúde”, por exemplo, jamais é relacionado com o mundo masculino, quando são divulgadas recomendações para as práticas corporais e esportivas. Como se os esportes não pudessem, também, ocasionar danos à genitália do homem, dificultando que os espermatozóides sejam produzidos e façam o correto caminho da concepção, prejudicando a sua ... paternidade. Poucas são, também, as referências aos incômodos da gravidez, o que colabora para a construção de um olhar linear e positivo sobre a maternidade, destacando suas vantagens, seus encantos, jamais suas contradições. Reforçam-se, assim, valores e comportamentos que enlaçam a mulher ao seu destino biológico, fazendo crer que apenas sendo mãe ela expressará o máximo de sua feminilidade.

Ao ser mitificada como um modelo de mulher a ser preservado e imitado, a representação da mulher-mãe, sinônimo de feminilidade bem sucedida porque levada ao extremo na sua mais primordial vocação, vai hegemonizando condutas e comportamentos, a partir do qual são consideradas anormais as identidades desviantes.

Na *Revista Educação Physica*, o “ser mãe e esposa” sobrepõe-se ao “ser mulher”, convertendo a maternidade em um rito de consagração do eterno feminino, uma passagem que inicia a mulher no mundo adulto e na maioridade. O fracasso – ou seja, não ser mãe – quase obriga a desenvolver um sentimento de frustração ou de “saudades culpada” por não ter pensado ou desejado um filho, ou por não ter tido condições de gerar, criar, educar e proteger alguém.

Além disso, quando associada à maternidade, a idéia da conquista da maioridade transborda ambigüidades, porque não parece confirmar a maturidade da mulher e seu crescimento pessoal, e sim reafirmar uma representação passiva e convencional da feminilidade, que associa a identidade feminina com uma infinita capacidade de amar e de se dar. A mulher adentra o mundo adulto porque é responsável pelo que gerou: os filhos são seus, são sua posse, como também são seus os encargos para com sua criação e as responsabilidades para com sua má educação.

Ainda que em alguns momentos a *Revista Educação Physica* pareça diluir a imagem da mãe, movimentando uma tensão entre a transgressão e a adaptação aos comportamentos convencionalmente aceitos como adequados à vida em sociedade, há a determinação de que a maternidade, mais cedo ou mais tarde, venha coroar a existência da mulher. Mesmo que alguns dos autores/as que nela

escrevem venham a incentivar a transposição de certas regras definidas por códigos sociais a partir das distinções sexuais, a maternidade continua sendo sua mais sublime missão, aquele acontecimento através do qual toda a mulher exprime o máximo de sua feminilidade.

Diferentes imagens do feminino pulsam nas páginas da *Revista*; diferentes e semelhantes porque enquadradas aos padrões tidos como próprios de seu sexo e para o qual a maternidade é um caminho natural; diferentes e semelhantes porque criadas e cultivadas, também para evitar um desregramento social e sexual em que instintos, desejos e perversões, presentes nas sombras conscientes e inconscientes de cada um, possam desagregar o que culturalmente se convencionou agregar e estabilizar.

Seja feminina

A *Revista Educação Physica* não só produz e reproduz representações de beleza e maternidade, como também, cria e divulga imagens de feminilidade. Vários de seus autores e autoras se preocupam em delimitar a abrangência e os limites do mundo feminino no que diz respeito ao comportamento individual e social das mulheres, uma vez que são muitas as novidades de consumo, prazer e lazer a seduzi-las, colocando em perigo funções que historicamente lhes foram atribuídas, como a maternidade, a educação dos filhos e a administração do lar.

Essa preocupação, ainda que registrada nas páginas, da revista não é própria deste período. A construção de imagens de feminilidade como possibilidade de vigilância sobre o corpo e o comportamento femininos aparece em diferentes espaços e tempos, sob diferentes formas, estratégias e discursos.

A idéia de uma essência feminina voltada para a submissão, a passividade, o sacrifício e a maternidade, por exemplo, que desde o final do século XVIII faz parte do discurso e das práticas da medicina, adquire outras representações nos séculos XIX e XX, frente às novas responsabilidades atribuídas às mães e à família nuclear.

Dentro deste jogo de representações, à imagem da mulher maternal que é feminina e bem comportada contrapõe-se a da histérica, da masoquista, da prostituta ou da frígida, cujo jeito de ser precisa de correção e controle, uma vez que representa a vivência de uma sexualidade equivocada, por conseguinte, patologizada. Diferentes métodos que buscam curar estas anomalias vão sendo experimentados ao longo do tempo, como por exemplo, o uso de medicamentos, eletrochoques, duchas frias, dietas pouco estimulantes, camisa de força e, em alguns casos, intervenções cirúrgicas, como a clitoridectomia e a ovariectomia.

Afinal, não está a sexualidade circunscrita ao casamento e à maternidade? E mais: sendo esse o destino de toda a mulher não é anormal quem dele se afasta?

No contexto da valorização da família, da higienização dos corpos e do fortalecimento da raça, ser feminina é ser, também, saudável e bela, para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação.

Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos a vigilâncias e inibições, são internalizadas a partir de uma submissão ao “outro” – um “outro” abstrato, coletivo e socialmente imposto.

O corpo feminino, observado como algo a ser manipulado, construído, vigiado e modificado, passa a ser alvo de diferentes intervenções, dentre as quais a sua exercitação, uma vez que as práticas corporais e esportivas são identificadas como possibilidades de controle e também como experiências que movimentam e libertam os instintos, trazendo-os à flor da pele. Estas práticas, apesar de incentivadas, são sujeitas a diversas regras, com a intenção de serem evitadas transgressões além daquelas admitidas como “normais” ao organismo e ao comportamento femininos.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os movimentos equivocados do corpo, os perigos das lesões, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertam suspeitas porque parecem abrandar certos limites que contornam uma imagem ideal de ser feminina.

Na *Revista Educação Physica* oscilam interpretações mesmo que, em quase todos os artigos que tratam da Educação Física feminina, exista o incentivo à exercitação e a crítica à indolência. As divergências situam-se em questões bem específicas, como por exemplo, o grau de envolvimento que a mulher deve ter para com os esportes ou a quantidade de esforço ao qual pode submeter o seu corpo.

Uma questão bem específica está em jogo. Há que fortalecer, sim, a “nova mulher”; no entanto, velhos preceitos e juízos morais devem ser mantidos para que assegurem a continuidade tanto da família nuclear como da distinção de papéis sociais atribuídos, culturalmente, a homens e mulheres.

Nesse sentido, a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade; complementaridade, porque a mulher é parceira do homem em atitudes e hábitos sociais cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser. Elegantes, homens e mulheres da elite desfilam, nos espaços públicos e seus aprendizados e talentos esportivos afirmam também a superioridade de uma classe. Modalidades como o tênis e o hipismo, por exemplo, são anunciadoras de laços mais igualitários entre os sexos: o hipis-

mo, porque andar a cavalo é uma paixão antiga da oligarquia, tanto de homens como de mulheres; e o tênis, porque identificado com a elegância das elites européias e porque possível de ser jogado com graça, sem tirar da mulher seu encanto e sua feminilidade (Schpun,1999).

Diferentes orientações são proclamadas pela *Revista* quando o tema é a garantia da reprodução. O discurso da beleza associada à saúde e a uma genitália adequada para cumprir as funções reprodutivas ganha espaço nas páginas dessa publicação. Recorrendo a argumentos científicos advindos das ciências biológicas, essas orientações imprimem no corpo da mulher padrões de comportamento que acabam por encobrir uma dimensão que é ideológica e que naturaliza a vocação feminina para a procriação.

O controle da natalidade, as técnicas contraceptivas, o uso de tóxicos, a prática esportiva desregrada, o trabalho fora do lar, a coeducação e os excessos do corpo, por exemplo, são experiências que, algumas vezes, a *Revista Educação Physica* rejeita para as mulheres tidas como “normais”. Para tanto, parte do pressuposto que, se essas experiências são contrárias à natureza feminina, é porque à masculina que se aproximam, o que significa, para alguns de seus autores e autoras afirmar que tais experiências masculinizam a mulher.

A masculinização feminina é relacionada, também, às conquistas e às reivindicações advindas do movimento feminista, como, por exemplo, a liberdade de ir e vir, de escolher o marido ou o não casamento, de exercer uma profissão, de votar, de competir em iguais condições com os homens no mercado de trabalho, etc. Essas atitudes estas que representam transgressões ao conservadorismo, pois rompem com algumas ações designadas como próprias do seu sexo e que, quando ultrapassadas, além de censuradas passam a ser vistas como próprias dos homens.

A *Revista Educação Physica* não encerra a mulher no mundo doméstico, ainda que mostre que este lhe pertença. Ao divulgar as atividades físicas e entendê-las como inerentes ao desenvolvimento, individual e social, elenca diferentes espaços urbanos como também pertencentes a seu cotidiano: as praças e parques, os clubes esportivos, as piscinas, as praias, as ruas, os ginásios e estádios, não sem estabelecer padrões de ser, de se relacionar, de mover, de vestir, entre outros; padrões normatizados e tomados como modelos, a partir dos quais se julgam os normais e os desviantes.

Se, por um lado, a revista confere movimento aos padrões hegemonicamente aceitos como próprios do universo masculino e do feminino, por outro, os estabiliza, porque muitas são as explicações que tomam a distinção biológica como demarcadora das diferenciações sociais. Ainda assim, não unifica papéis, funções e competências, inclusive porque,

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições

suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe (...) (Louro, 1999, p.28).

O termo “masculinização”, regularmente citado na *Revista* quando o assunto se refere à imagens de feminilidade, é apresentado ao leitor e à leitora sugerindo não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres mas na sua aparência: julga-se o quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo.

Essa não é uma discussão presente apenas na *Revista Educação Physica*: as modificações que ocorrem no corpo e também no comportamento das mulheres, em função da prática de atividades físicas, quando se diferenciam dos padrões culturalmente aceitos como normais, parecem ameaçar não apenas a superioridade masculina no campo destas práticas mas as representações de ser homem e ser mulher.

A graça, o encanto, a sedução, a beleza e a harmonia das formas corporais, a delicadeza e o recato são qualidades que aparecem coladas a uma representação de feminilidade, que, quando rompida, aproxima mulher do seu oposto, portanto, que a afasta do que a engrandece. Afinal, masculino e feminino constelam hábitos, atitudes e formas de ser pouco maleáveis e que poucas interseções permitem entre si. Geralmente polarizadas por um olhar dicotômico, masculinidade e feminilidade, além de opostas, são vistas como divergentes, pois para cada lado dessa construção são conferidos atributos e qualidades que exprimem mais diferenças do que similitudes e complementaridade: homem/mulher, masculino/feminino, vício/virtude, potência/fragilidade, virilidade/fecundidade, produção/reprodução, público/privado, cultura/natureza.

Presos à identidade do sexo, os termos masculino e feminino afirmam um mundo de homens e um mundo de mulheres que, apesar de coexistirem, pouco diálogo estabelecem entre si e cujos traços característicos são nítidos e facilmente apreendidos.

Nem viragos, nem lindas flores débeis de estufa, refere a *Revista Educação Physica*; nem excesso de competição nem inatividade física, mas beleza, saúde, graça, harmonia de movimentos, leveza, vigor físico, energia e delicadeza. Se é, portanto, necessária a exercitação do corpo da mulher, que seja realizada de forma a que estejam garantidas as características que asseguram seu jeito feminino de ser.

Utilizando argumentos científicos, vários textos da *Revista Educação Physica* recomendam a natação como o esporte mais adequado às mulheres, pois sua técnica não exige demasiado desgaste físico, nem uma musculatura muito desenvolvida. Além da natação, a dança é amplamente recomendada às mulheres, sendo considerada como a atividade corporal que melhor reúne

predicados que celebram a sua feminilidade. Associada à beleza, à sensibilidade e a uma imaginada e idealizada pureza da alma feminina, a *Revista* diz que é na dança e pela dança que mulher vivencia, pela leveza de gestos e movimentos, o exercício de diferentes sensações corpóreas.

Mulheres em movimento, sugere a *Revista Educação Physica*. No entanto, esse movimento é controlado de forma a não exceder limites culturalmente construídos, afirmando que, além da exercitação do corpo da mulher, é também imprescindível a garantia daquelas características que asseguram seu jeito feminino de ser, razão pela qual proliferam técnicas e estratégias de auto-conhecimento e autocontrole que buscam não a restrição da sua movimentação mas, exatamente, o seu contrário. Através do movimento e pelo movimento são estabelecidas formas sutis de aplicar um rígido controle sobre si mesmo, e assim assegurar a construção de um padrão de “ser mulher”, construído a partir de um olhar recheado de convenções, para o qual o termo feminilidade parece não existir no plural.

Bela, maternal e feminina: imagens presentes na *Revista Educação Physica* e também no imaginário social de um país que identifica na mulher um elemento importante a sua modernização; imagens homogêneas, como os discursos que as acompanham.

Na revista trata-se sempre de textos e imagens que afirmam a juventude, a beleza, a ousadia, a disposição, a saúde, a alegria, a perseverança, a dedicação, a prudência, como atributos que se transformam em virtudes e que, quando colados à figura da mulher, tensionam diferentes perspectivas. Ao mesmo tempo que tais atributos ampliam possibilidades individuais e sociais, encerram a mulher dentro de padrões de ser e de se comportar.

As imagens presentes na *Revista Educação Física* e aquilo que delas permanece noutros lugares e noutros tempos afirmam uma permanência disfarçada, pela sutileza das pequenas alterações e pelas formas sempre reinventadas de entendê-las e apreciá-las, de imagens representativas de determinadas escolhas estéticas e políticas que, ao serem aceitas como normais, possibilitam a existência de diferentes intervenções sobre corpo feminino, na tentativa de corrigir distorções ou anular desvios.

Bela, maternal e feminina, imagens afirmativas que permitem compreender que o corpo da mulher, ao mesmo tempo que é seu, não lhe pertence.

Notas

1. Texto elaborado com base na Tese de Doutorado, intitulada “Bela, maternal e feminina – imagens da mulher na *Revista Educação Physica*”, defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP, em novembro de 1999.
2. Corresponde a esse período, por exemplo, a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (1931); da Escola de Educação Física do Exército (1933); da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação (1937); da Escola

- Nacional de Educação Física e Desportos, junto à Universidade do Brasil (1939); a instalação da Comissão Nacional dos Desportos (1939); e do Conselho Nacional dos Desportos, em 1941.
3. Para evitar confusões, sempre que me referir a este periódico estarei utilizando a denominação *Revista Educação Physica*, mesmo quando, pelas mudanças ortográficas ocorridas no país, sua grafia passou a ser *Revista Educação Física*.
 4. Em outubro de 1932 foi lançada, também, a *Revista Brasileira de Educação Física*, órgão oficial de divulgação da Escola de Educação Física do Exército – primeira escola a formar professores de Educação Física no Brasil. Tanto quanto a *Revista Educação Physica*, a publicação se propões a divulgar esse campo que está plena estruturação. Não há divergências na concepção de Educação Física presente nos dois periódicos; e são vários os autores nacionais e internacionais a escreverem, simultaneamente para os dois periódicos.
 5. Nomes de destaque no cenário esportivo nacional do período.
 6. Até setembro de 1936 a *Revista* circula com periodicidade semestral; no ano de 1935, apenas um número foi editado. A partir de 1937, sua edição será mensal, por vezes bimestral, até seu último número (88), de agosto/setembro de 1945.
 7. Em setembro de 1933, na sua terceira edição, a *Revista Educação Physica* registra 17 colaboradores efetivos, 16 redatores e 29 representantes, cuja responsabilidade era divulgar a *Revista*. Estes representantes estão localizados nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Santa Catarina, Alagoas, Paraná, Pernambuco, Ceará e nos seguintes países: Argentina, Uruguai, Chile e Portugal.
 8. *Revista Educação Physica* n.º 37, dezembro de 1939, p. 80
 9. No Brasil, já no final do século XIX é possível observar atletas femininas competindo, principalmente, em provas de turfe, ciclismo e atletismo.
 10. Uso o termo imperativo no sentido de que possibilita pouca contestação; é quase uma norma que desenha um jeito natural de ser e de comportar. Isso não significa afirmar que todas as mulheres assumem e tomam para si essas convenções, nem que deixam de reagir e de esboçar diferentes formas de resistência. Afinal, as mulheres são plurais.
 11. Sobre a família nuclear brasileira, ver Susan Besse, *Restructuring patriarchy: the modernization of gender inequality in Brazil. 1914-1940*; Margareth Rago, *O prazer no casamento*.

Referências Bibliográficas

- BESSE, Susan K. *Restructuring Patriarchy: The modernization of gender inequality in Brazil. 1914-1940*. North Carolina: University of North Carolina Press, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- RAGO, Margareth . O prazer no casamento. In: *Idéias*. Ano 2, n° 2, julho/dezembro 1995.

SCHPUN, Mônica Raisa. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.) *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

Silvana Vilodre Goellner é professora da Faculdade de Educação Física da UFRGS.

Endereço para correspondência:

Rua Ramiro Barcelos, 1920/41 – Bomfim
90035-002 – Porto Alegre – RS
E-mail: goellner@zaz.com.br